



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

DESAFIOS ENFRENTADOS POR ESTUDANTES FORMADOS NO ENSINO
MÉDIO REMOTO AO INGRESSAR NO ENSINO SUPERIOR NA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Sinara de Jesus Lopes ¹; Mirela Figueiredo Santos Iriart ².

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ljsinara@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mfsiriart@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: ensino remoto; ensino médio; ensino superior.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a necessidade de fechamento das escolas foi inquestionável por conta da pandemia mundial do covid-19. Na Bahia, a suspensão das aulas presenciais, que duraria inicialmente 30 dias, se prolongou até o segundo semestre de 2021. Assim como outros setores não essenciais, o campo educacional sofreu impactos com esse contexto de crise, consequentemente, afetando milhares de jovens estudantes do ensino médio em aspectos sociais, emocionais e em relação a suas aprendizagens.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi analisar o processo de inserção no curso de Licenciatura em Pedagogia de estudantes que passaram pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE). Nessa perspectiva, a análise considerou a trajetória dos estudantes formativa até a universidade, e as dificuldades acadêmicas, pessoais e sociais encontradas nessa transição do ensino médio para o ensino superior.

Compreendo que para muitos jovens o ensino médio é o período de preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no intuito de garantir uma vaga na universidade pública por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU). A trajetória vivida por esses estudantes até o ingresso na universidade foi composta por diversos desafios por conta do contexto adverso vivido em 2020 e 2021.

A pesquisa foi embasada em autores como Guzzo (2022) que aborda os impacto da pandemia na educação, Soares et. al. (2014) e Teixeira (2011) tratando sobre a saída do ensino médio dos jovens e a mudança para o ensino superior, e Coulon (2011) abordando a entrada e a adaptação à universidade.

METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, apoiada em dados quantitativos. Portanto, foram aplicados questionários a 131 estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e realizadas entrevistas com participantes selecionados a partir desses dados. Dessa forma, por meio do questionário foram identificados 27 estudantes do 2º, 3º e 4º semestre, que passaram pelo ERE durante a pandemia. Cerca de 14 pessoas assinalaram interesse em participar das entrevistas, mas só 6 retornaram para continuar a pesquisa. O roteiro semi-estruturado e individual foi elaborado previamente visando abordar questões mais específicas sobre as trajetórias escolares das entrevistadas, considerando os principais desafios, expectativas e transições vivenciadas nesse processo. As entrevistas foram analisadas com suporte em artigos extraídos de bases de dados como Scielo, Google Acadêmico e Periódicos Capes.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

De acordo com os 131 questionários respondidos, 89,1% dos alunos do 1º ao 7º semestre da Licenciatura em Pedagogia são jovens de 23 a 28 anos. Em relação à educação, 80,9% dos alunos concluíram o ensino médio na rede pública, 14,4% em escolas particulares e 4,6% uma parte privada e outra pública. Dentre os 131 estudantes, foram identificados 27 estudantes que tiveram ensino médio remoto, destes, ninguém relata experiência positiva e 47,1% apontam como ruim ou péssima.

Por conseguinte, as entrevistas foram realizadas com 6 participantes, e as perguntas questionavam aspectos como ensino médio remoto, desafios na transição para universidade, adaptação e suportes afetivos e sociais que ajudam na permanência. Posto isso, será feita a análise de duas das seis entrevistas, com apoio dos dados quantitativos obtidos.

Sobre a trajetória de escolarização e o Ensino Remoto Emergencial

Ana, tem 20 anos e estudou na rede pública de Santo Amaro antes de ingressar na UEFS no ano de 2022, atualmente cursa o 4º semestre e possui bolsa institucional. Júlia, de 18 anos, estudou em escolas públicas de Itapicuru e ingressou na universidade em 2023, atualmente está no 2º semestre e conta apenas com auxílio da família. Sobre o ensino médio, Ana relatou que o terceiro ano teve 15 dias de aulas presenciais antes do ERE, enquanto Júlia teve apenas uma semana de aulas presenciais durante o primeiro ano, sendo o segundo ano híbrido (remoto e presencial) e o terceiro ano presencial.

Para Hodges et al. (2020) apud Oliveira (2021), o ensino remoto funciona para proporcionar o acesso à aprendizagem dos estudantes em casa como uma alternativa em um contexto de crise. No entanto, ao serem questionadas sobre como avaliam sua aprendizagem durante o ERE, as entrevistadas ressaltam as dificuldades de prestarem atenção nas aulas, e a sensação de não estarem aprendendo. Segundo Ana, *"Deu um déficit enorme porque eu não aprendi quase nada. [...] Eu não senti que eu tava aprendendo alguma coisa. Eu fazia até participar da aula, [...] os professores se esforçavam também, mas também não dava nada"*

Posto isso, a pandemia além de comprometer o ano letivo, escancarou desigualdades sociais da vida cotidiana, expondo fragilidades de emprego, renda e participação nas atividades remotas na educação (Guzzo et al., 2022). Nesse sentido, durante o relato, Júlia comentar sobre as atividades passadas nas aulas remotas: *"Eu, no começo, fui fazendo [...], mas tinha muita dificuldade porque em casa não tinha internet, [...] minha mãe que achou necessário juntar dinheiro pra fazer as atividades, pra colocar o Wi-Fi aqui em casa pra gente poder estudar"*.

Desta maneira, ao serem perguntadas sobre o ensino médio, Ana relatou que com exceção do seu terceiro ano em 2020, ela recebeu uma boa base. Júlia, que fez o primeiro e o segundo no período de 2020 e 2021, negou se sentir preparada pela escola. A vista disso, os aspectos apresentados reafirmam o impacto que se tem naturalmente na entrada no ensino superior (Soares et. al., 2014) com o agravante da herança de um ensino médio remoto. Podemos observar isso no relato de Ana e Júlia:

Eu não senti tanta dificuldade, mas foi uma coisa atípica. Porque, tipo assim, era um mundo totalmente diferente. De um cotidiano muito diferente. E, tipo, praticamente esses dois anos, praticamente, eu tava aquém de estudos, assim, sabe? Então, eu tava muito perdida, vamos se dizer. Então, eu tive que me reencontrar antes da pandemia pra poder ter alguma produtividade dentro da faculdade. (ANA).

A minha maior dificuldade na faculdade, [...] aqui passa muito texto. Eu não acho que eu tenho... Que eu escreva, assim, tão bem, sabe? E aqui exige muito isso. De uma escrita, de... Estar presente na aula, falando, interagindo. Eu vejo as pessoas falando e eu não consigo. Eu não consigo falar. [...] Tem alguns assuntos que as pessoas falam "Vocês devem ter visto no Ensino Médio" que passaram, tipo algum material que falavam. [...] Eu não vi isso. Alguns autores, sabe? Que deveriam ter estudado o Ensino Médio. (JULIA).

Dessa forma, Ana e Júlia apresentam situações desafiantes que viveram no ingresso ao ensino superior, Coulon (2011) denomina esse processo de tempo de estranheza caracterizado pela transição do familiar para o novo, quando tem que lidar

com um novo contexto, novas interações e aprendizagens. Segundo o autor, essas experiências dos novos estudantes podem acabar por gerar questionamentos a respeito das suas escolhas sobre os estudos.

Nesse sentido, Ana relata um conflito com um professor que a levou a pensar em desistir, mas ao falar do seu propósito consigo e do suporte de familiares e amigos, finaliza afirmando que não deixou se abater com essa situação. Já Júlia relatou questionamentos internos sobre sua capacidade e as dificuldades com a locomoção da sua cidade ao campus universitário, porém, recua sobre desistir ao pensar no esforço do pai que a leva pegar transporte para universidade e entende também que é seu sonho. Ambas demonstraram ao longo da entrevista que diante dos desafios e lacunas, buscaram construir estratégias de suporte, sobretudo afetivas e pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os desafios enfrentados no ingresso do ensino superior apresentados pelas entrevistadas, demonstram o quanto a trajetória escolar reverbera nesse processo, mas especificamente como esse ensino médio remoto em muitos momentos não proporcionou uma preparação efetiva para essa transição. Dessa forma, a mudança de contexto causou em alguns momentos dificuldades acadêmicas e socioemocionais que culminaram na ideia de desistir do curso. No entanto, assim como apresentados nas falas de Ana e Júlia, os suportes afetivos vindos da família e amigos foram cruciais para a permanência desses estudantes. Portanto, os desafios e as lacunas iniciais foram necessárias para o processo de afiliação (Coulon, 2011), no entanto, existe uma necessidade de ações institucionais, de colegiados e pró-reitorias para realizar estratégias de acolhimento e acompanhamento estudantil.

REFERÊNCIAS

- COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, v. 43, p. 1239-1250, 2017.
- GUZZO, R. S. L. et al. A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 39, 2022.
- OLIVEIRA, E. A. Ensino remoto: o desafio na prática docente frente ao contexto da pandemia. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 28, 27 de julho de 2021.
- SOARES, A. B. et al. O impacto das expectativas na adaptação acadêmica dos estudantes no Ensino Superior. **Psico-usf**, v. 19, p. 49-60, 2014.
- TEIXEIRA, A. M. F. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**, p. 67-91, 2011.